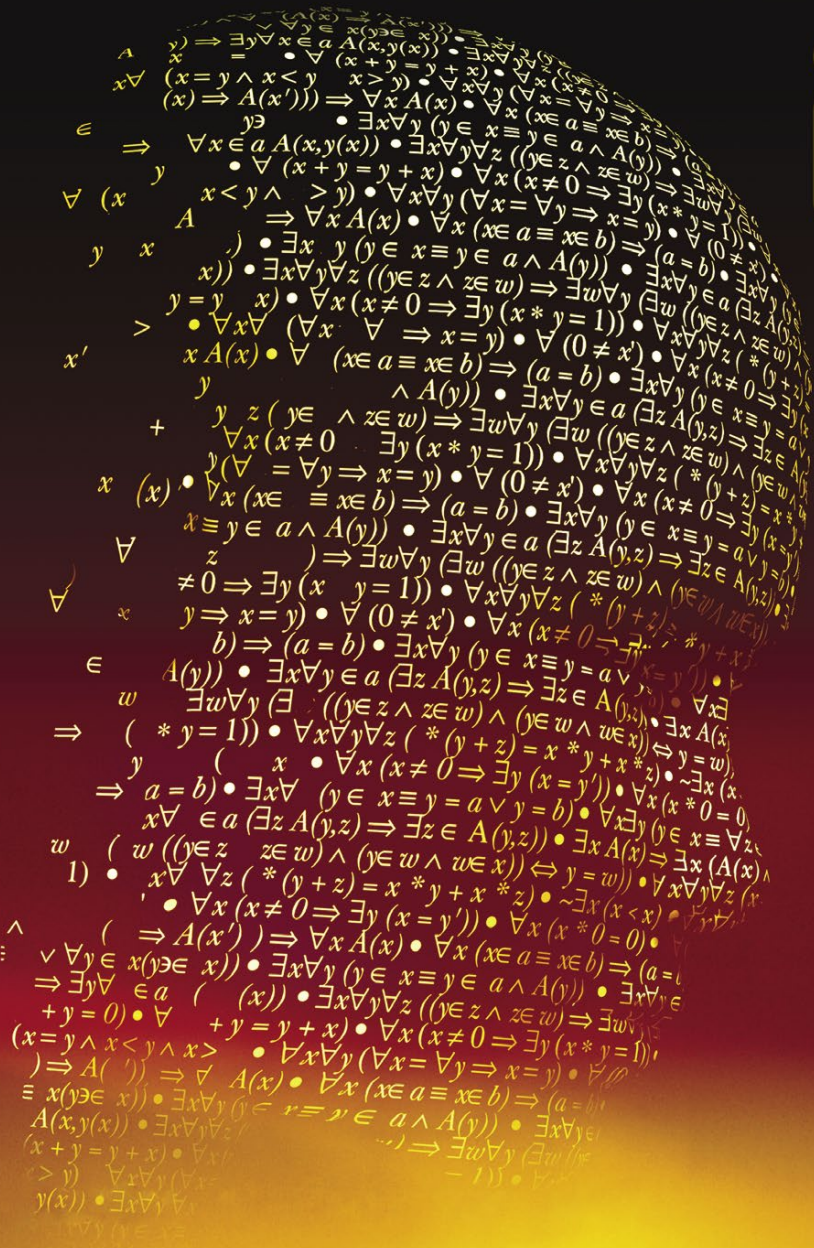


História da sua vida e outros contos

TED CHIANG



intrínseca

HISTÓRIA DA SUA VIDA E OUTROS CONTOS

TED CHIANG

História da sua vida e outros contos

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2002 by Ted Chiang
Todos os direitos reservados, incluindo de reprodução
total ou parcial em qualquer suporte.

TÍTULO ORIGINAL
Stories of Your Life and Others

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Victor Almeida
Taís Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
© Shelley Eshkar

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C454h

Chiang, Ted, 1967-
 História da sua vida e outros contos / Ted Chiang ; tradução
Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
 368 p. ; 23 cm.

Tradução de: Stories of your life and others
ISBN 978-85-510-0078-6

I. Conto americano. I. Barreiros, Edmundo. II. Título.

16-35335

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

À memória de Brian Chiang e Jenna Felice.

A torre da Babilônia	9
Entenda	47
Divisão por zero	99
História da sua vida	125
Setenta e duas letras	193
A evolução da ciência humana	261
O Inferno é a ausência de Deus	267
Gostando do que vê: um documentário	307
Notas sobre os contos	353
Agradecimentos	363
Histórico de publicação	365

A torre da Babilônia

Se a torre fosse tombada ao longo da planície de Sinar, seriam necessários dois dias de jornada para caminhar de uma extremidade à outra. Com a torre erguida, leva-se um mês e meio para subir da base ao cume, caso a pessoa não esteja levando alguma carga. No entanto, poucos sobem a torre de mãos vazias: o ritmo da maioria é reduzido pelo carregamento de tijolos que arrastam às costas. Quatro meses se passam entre o dia em que um tijolo é posto em uma carriola e o dia em que é retirado para constituir parte da torre.

Hillalum passara a vida toda em Elam, e conhecia Babilônia apenas como compradora do cobre de Elam. Os lingotes de cobre eram transportados em barcos que percorriam o rio Karum até o mar interior, na direção do Eufrates. Hillalum e os outros mineradores viajavam por terra, junto aos onagros sobrecarregados da caravana de um mercador. Eles seguiam por uma trilha que descia do planalto e atravessava as planícies até os campos verdes entrecortados por canais e diques.

Nenhum deles tinha visto a torre antes. Ela se tornou distinguível a léguas de distância: uma linha tão delgada quanto um fio de linho, ondeando no ar trêmulo, erguendo-se da crosta de lama que era a própria Babilônia. À medida que chegavam mais perto, a crosta avultava na forma das poderosas muralhas da cidade, mas tudo que percebiam era a torre. Quando baixavam o olhar para o nível da planície do rio, viam as marcas que a torre criara no exterior da cidade: o próprio Eufrates fluía sobre um leito agora amplo e profundo, escavado para fornecer barro para os tijolos. Ao sul da cidade, podiam ser vistas fileiras e fileiras de fornalhas, não mais acesas.

Ao se aproximarem dos portões da cidade, a torre se mostrou mais colossal do que qualquer coisa que a imaginação de Hillalum já concebera: uma única coluna cuja largura era tão extensa quanto a de um templo inteiro, erguendo-se a tal altura que minguava à invisibilidade. Todos eles caminhavam com a cabeça inclinada para trás, semicerrando os olhos por causa do sol.

O amigo de Hillalum, Nanni, cutucou-o com o cotovelo, parecendo apavorado.

— Vamos ter que subir isso? Até o cume?

— *Subir* para cavar. Não parece... natural.

Os mineradores chegaram ao portão central na muralha oeste, onde outra caravana estava de partida. Enquanto o grupo se aglomerava, seguindo pela faixa estreita de sombra fornecida pela muralha, Beli, o capataz, gritou para os guardiões que estavam no alto das torres do portão:

— Nós somos os mineradores convocados da terra de Elam.

Os guardiões ficaram muito contentes. Um deles gritou em resposta:

— São vocês que vão escavar através da abóbada do céu?

— Somos nós.

* * *

A cidade inteira comemorava. O festival começara oito dias antes, quando os últimos tijolos foram postos a caminho, e ainda ia durar mais dois. Todo dia e toda noite, a cidade se regozijava, dançava e banqueteara.

Junto aos tijoleiros estavam os carregadores, homens cujas pernas eram torneadas por fortes músculos de tanto subir a torre. Toda manhã, uma nova equipe dava início ao trabalho; eles subiam por quatro dias, transferiam a carga para a equipe seguinte de carregadores e retornavam com as carruagens vazias no quinto dia. Equipes como essas transferiam sequencialmente a carga até o topo da torre, mas apenas as da parte mais baixa celebravam com a cidade. Para aqueles que viviam no alto, vinho e carne haviam sido enviados com antecedência para permitir que o banquete se estendesse por todo o pilar.

À noite, Hillalum e os outros mineradores elamitas sentaram-se em bancos de terracota diante de uma mesa comprida atulhada de comida, uma dentre muitas dispostas na praça da cidade. Os mineradores conversavam com os carregadores, perguntando sobre a torre.

Nanni disse:

— Alguém me contou que os assentadores de tijolo que trabalham no alto da torre lamuriam e arrancam os cabelos quando deixam cair um tijolo, pois serão necessários quatro meses para substituí-lo, mas que ninguém se importa quando um homem despenca para a morte. Isso é verdade?

Um dos carregadores mais falantes, Lugatum, balançou a cabeça.

— Ah, não, é só uma história. Há uma caravana contínua de tijolos subindo a torre; milhares de tijolos chegam ao topo todos os dias. A perda de um único tijolo não significa nada para os assentadores. — Ele se inclinou na direção deles. — Entretanto, há uma coisa que valorizam mais que a vida de um homem: uma colher de pedreiro.

— Por que uma colher de pedreiro?

— Se um assentador de tijolos deixa cair sua colher, não pode trabalhar até que outra seja trazida ao topo. Durante meses, ele fica sem seu ganha-pão e precisa se endividar. A perda de uma colher de pedreiro é motivo para muita lamentação. Mas se um homem cai, e sua colher de pedreiro permanece, os homens ficam secretamente aliviados. O próximo a deixar sua colher cair pode pegar a extra e continuar trabalhando, sem precisar contrair uma dívida.

Hillalum ficou horrorizado e, em um momento de aflição, tentou contar quantas picaretas os mineradores haviam trazido. Então, ele se deu conta.

— Isso não pode ser verdade. Por que não levar colheres de pedreiro sobressalentes lá para cima? O peso não seria nada comparado ao de todos os tijolos que sobem até lá. E com certeza a perda de um trabalhador significa um atraso sério, a menos que tenham um homem extra no alto que saiba assentar tijolos. Sem tal operário, eles têm de esperar que outro suba a partir da base.

Todos os carregadores caíram na gargalhada.

— Não dá para enganar este aqui — disse Lugatum, divertindo-se muito. Ele se virou para Hillalum. — Então vocês vão começar a subida assim que o festival terminar?

Hillalum bebeu de um caneco de cerveja.

— Vamos. Soube que mineradores de uma terra a oeste vão se juntar a nós, mas não os vi. Sabe algo sobre eles?

— Sim. Eles vêm de uma terra chamada Egito, mas não extraem minério como vocês. Eles exploram pedreiras.

— Nós escavamos pedras em Elam também — disse Nanni, com a boca cheia de carne de porco.

— Não como eles. Eles cortam granito.

— Granito? — Calcário e alabastro eram extraídos em Elam, mas não granito.

— Você tem certeza?

— Mercadores que viajaram até o Egito dizem que eles têm zigurates e templos de pedra, construídos de calcário e granito, blocos enormes. E eles esculpem estátuas gigantes de granito.

— Mas é muito difícil trabalhar com granito.

Lugatum deu de ombros.

— Não para eles. Os arquitetos da família real acreditam que esses homens que trabalham com pedra podem ser úteis quando vocês chegarem à abóbada do céu.

Hillalum assentiu. Aquilo podia ser verdade. Quem sabia ao certo do que eles iriam precisar?

— Você os viu?

— Não, eles ainda não estão aqui, mas são esperados dentro de alguns dias. Porém, podem não chegar antes do fim do festival; aí vocês, elamitas, vão subir sozinhos.

— Vocês vão nos acompanhar, não vão?

— Vamos, mas só pelos quatro primeiros dias. Então devemos voltar, enquanto vocês, sortudos, continuam.

— Por que nos considera sortudos?

— Tenho aspirações de chegar ao topo. Certa vez, prossegui com as equipes e alcancei uma altura de doze dias de subida, mas é o mais alto que já fui. Vocês irão muito mais alto. — Lugatum sorriu com pesar. — Eu os invejo. Vocês vão tocar a abóbada do céu.

Tocar a abóbada do céu. Abri-la com picaretas. Hillalum sentiu-se desconfortável com a ideia.

— Não há motivo para inveja — falou ele.

— É verdade — disse Nanni. — Quando terminarmos, todos os homens vão tocar a abóbada do céu.

Na manhã seguinte, Hillalum foi ao encontro da torre. Ele parou no pátio gigantesco que a cercava. Ao lado, havia um templo

que seria impressionante por si só, mas que passava despercebido comparado à torre.

Hillalum podia sentir a solidez absoluta da torre. Segundo diziam, ela fora construída para ter uma força enorme, que nenhum zigurate possuía; era feita inteiramente de tijolos cozidos em fornalhas, enquanto os zigurates comuns eram construídos com tijolos de adobe secos ao sol, com tijolos cozidos somente na fachada. Os tijolos cozidos eram assentados em uma argamassa de betume, que penetrava no barro formando uma liga extremamente forte.

A base da torre se assemelhava às duas primeiras plataformas de um zigurate comum. Ali ficava uma enorme plataforma retangular de aproximadamente duzentos cúbitos de lado e quarenta cúbitos de altura, com uma escadaria tripla em oposição à sua face sul. Montado sobre a primeira plataforma havia outro nível, uma plataforma menor, acessível apenas pela escada central. Era no alto da segunda plataforma que a torre em si começava.

Ela tinha sessenta cúbitos de lado, e erguia-se como um pilar quadrado que sustentava o peso do céu. Ao seu redor, serpenteava uma rampa de inclinação leve, escavada na lateral, que a circundava como uma tira de couro enrolada em torno do cabo de um chicote.

A um novo olhar, porém, Hillalum enxergou duas rampas, e elas eram entrelaçadas. Pilares cravejavam a borda externa de cada rampa, não grossos, mas volumosos, de modo a fornecer alguma sombra atrás deles.

Ao levar o olhar até o alto da torre, Hillalum viu faixas alternadas de rampa, tijolos, rampa, tijolos, até que elas não podiam mais ser distinguidas. E, mesmo assim, a torre assomava e assomava, para bem longe do alcance da vista; Hillalum piscou, semicerrou os olhos, e ficou tonto. Ele cambaleou alguns passos para trás e se virou com um arrepio.

Hillalum pensou na história contada a ele na infância, a história que se seguia àquela do Dilúvio. Ela contava como, no passado, os homens tornaram a povoar todos os cantos da terra, habitando mais regiões do que jamais haviam feito. Como tinham navegado até as bordas do mundo e visto o oceano despencar na névoa para se juntar às águas negras do Abismo muito abaixo. Como os homens, assim, haviam se dado conta da extensão da terra e sentido que ela era pequena, e desejado ver o que existia por trás de seus limites, todo o restante da Criação de Javé. Como eles olhavam em direção ao céu e se perguntavam sobre a moradia de Javé, acima dos reservatórios que continham as águas do céu. E como, muitos séculos atrás, começou a construção da torre, um pilar para o céu, uma escada pela qual os homens poderiam ascender para ver as obras de Javé, e este poderia descer para ver as obras dos homens.

A história sempre parecera inspiradora para Hillalum, sobre milhares de homens trabalhando de forma árdua e incessante, mas com alegria, pois trabalhavam para conhecer melhor Javé. Ele ficara entusiasmado quando os babilônios chegaram a Elam à procura de mineradores. Porém, agora que estava parado aos pés da torre, seus sentidos se rebelaram, insistindo que nada devia se erguer tão alto. Ele não se sentia em terra quando seus olhos perscrutavam a altura da torre.

Será que devia galgar tal engenho?

Na manhã da subida, a segunda plataforma estava coberta, de ponta a ponta, com carrioas pesadas de duas rodas dispostas em fileiras. Muitas estavam carregadas apenas com comida: sacas cheias de cevada, trigo, lentilhas, cebolas, tâmaras, pepinos, pães, peixe seco. Havia inúmeros jarros de cerâmica com água, vinho de tâmara, cerveja, leite de cabra e óleo de palma. Outras carrioas levavam mercadorias que poderiam até mesmo ser vendidas

em um bazar: recipientes de bronze, cestas de junco, rolos de linho, bancos e mesas de madeira. Também havia um boi gordo e uma cabra nos quais alguns sacerdotes estavam colocando antolhos para que não conseguissem olhar para os lados e não ficassem com medo da subida. Os animais seriam sacrificados assim que chegassem ao topo.

Em seguida, vinham as carriolas com as picaretas e marretas dos mineradores e os equipamentos para uma pequena forja. O capataz também requisitara que vários carrinhos fossem carregados com madeira e feixes de junco.

Lugatam estava parado ao lado de um carrinho, fixando as cordas que seguravam a madeira. Hillalum caminhou até ele.

— De onde veio essa madeira? Não vi florestas desde que deixamos Elam.

— Há uma floresta com árvores ao norte, que foi plantada quando a torre foi iniciada. A madeira cortada desce flutuando pelo Eufrates.

— Vocês plantaram uma floresta *inteira*?

— Quando começaram a torre, os arquitetos sabiam que a madeira encontrada na planície não seria suficiente para abastecer as fornalhas, então plantaram uma floresta. Há equipes cujo trabalho é prover água e plantar uma árvore nova para cada outra cortada.

Hillalum estava impressionado.

— E isso fornece toda a madeira necessária?

— A maior parte. Muitas outras florestas no Norte também foram derrubadas, e sua madeira, trazida pelo rio.

Lugatam inspecionou as rodas da carriola, desarrolhou a garrafa de couro que carregava e derramou um pouco de óleo entre a roda e o eixo.

Nanni caminhou até eles, olhando fixamente para as ruas da Babilônia dispostas à frente.

— Nunca antes estive tão alto a ponto de poder ver uma cidade lá embaixo.

— Nem eu — disse Hillalum, mas Lugatum apenas riu.

— Venham comigo, os carros estão prontos.

Logo todos formaram duplas e se juntaram a uma carriola. Os homens se posicionaram entre as duas hastes de puxar dos carros, que tinham laços de corda onde segurar. As carriolas puxadas pelos mineradores estavam misturadas às dos carregadores habituais, para garantir que mantivessem o ritmo adequado. Lugatum e outro carregador estavam com a carriola logo atrás da de Hillalum e Nanni.

— Lembrem-se — disse Lugatum. — Fiquem cerca de dez cúbitos atrás do carro à sua frente. O homem da direita puxa sozinho quando fizerem curvas, e vocês trocam de hora em hora.

Os carregadores estavam começando a conduzir os carros na direção da rampa. Hillalum e Nanni se abaixaram e jogaram as cordas de sua carriola por cima de cada ombro, cruzando-as. Eles se levantaram juntos, erguendo do chão a parte da frente do veículo.

— Agora, *puxem!* — gritou Lugatum.

Hillalum e Nanni se debruçaram para a frente, no sentido contrário das cordas, e a carriola começou a se mover.

Assim que entrou em movimento, puxá-la pareceu bastante fácil, e eles foram serpenteando o caminho em torno da plataforma. Então, alcançaram a rampa, e outra vez tiveram que se curvar completamente.

— Esta é uma carriola leve? — murmurou Hillalum.

A largura da rampa só permitia que um homem passasse ao lado de cada carro. A área era calçada com tijolos, dois sulcos profundamente desgastados por séculos de rodas.

Acima da cabeça dos carregadores, o teto se erguia em uma abóbada suspensa por mísulas, com os tijolos largos e quadrados arrumados em camadas sobrepostas até se encontrarem no cen-

tro. Os pilares à direita eram amplos o suficiente para fazer a rampa se assemelhar a um túnel. A não ser que se olhasse para o lado, não havia a sensação de se estar em uma torre.

— Vocês cantam enquanto trabalham nas minas? — perguntou Lugatum.

— Quando a pedra não é muito dura — disse Nanni.

— Cantem uma de suas músicas de trabalho, então.

O convite desceu até os outros mineradores e, em pouco tempo, toda a equipe estava cantando.

À medida que as sombras diminuía, eles subiam cada vez mais alto. Abrigados do sol, apenas com ar límpido à sua volta, a temperatura era muito mais fresca do que nas ruelas estreitas de uma cidade ao nível do chão, onde o calor do meio-dia podia matar lagartos. Olhando para os lados, os mineradores podiam ver o negro Eufrates e os campos verdes que se estendiam por léguas, atravessados por canais que cintilavam à luz do sol. A cidade da Babilônia era um intrincado padrão de ruas e construções, ofuscantemente caiadas de gesso; ela se tornava cada vez menos visível pela contração ilusória ao redor da base da torre.

Hillalum estava outra vez puxando a corda da direita, mais perto da borda, quando ouviu gritos na rampa de subida, um nível abaixo. Pensou em parar e olhar para baixo pela lateral, mas não quis interromper o ritmo. Além disso, também não conseguiria enxergar com clareza.

— O que está acontecendo lá embaixo? — gritou para Lugatum, que vinha atrás dele.

— Um de seus colegas mineradores tem medo de altura — disse. — De vez em quando, há um homem assim entre os que sobem a torre pela primeira vez. Um homem desses abraça o chão, e não consegue subir mais. Porém, são poucos os que sentem isso tão cedo.

Hillalum entendeu.

— Conhecemos um medo parecido, entre os que pretendem ser mineradores. Alguns homens não conseguem entrar nas minas, com medo de serem soterrados.

— É mesmo? — perguntou Lugatum. — Nunca tinha ouvido falar nisso. Como você está se sentindo em relação à altura?

— Não sinto nada — afirmou Hillalum, mas então olhou para Nanni, e os dois sabiam a verdade.

— Você sente um nervosismo na palma das mãos, não é? — sussurrou Nanni.

Hillalum esfregou as mãos nas fibras ásperas da corda e assentiu.

— Eu também senti mais cedo, quando estava perto da borda.

— Talvez devêssemos ir com antolhos, como o boi e a cabra — murmurou Hillalum de brincadeira.

— Você acha que também vamos ficar com medo da altura quando subirmos mais?

Hillalum refletiu. Um de seus camaradas sentir medo tão prontamente não era um bom augúrio. Ele afastou o pensamento. Milhares subiam sem medo. Seria tolice deixar que o pavor de um minerador contaminasse a todos.

— Estamos apenas desacostumados. Vamos ter meses para nos habituar à altura. Quando chegarmos ao topo da torre, vamos desejar que fosse mais alta.

— Não — disse Nanni. — Não acho que eu gostaria de puxar essa carriola ainda mais.

Os dois riram.

“Ted Chiang escreve com pouca frequência, mas seus textos, quase inexplicavelmente maravilhosos, transcorrem com a precisão de um relógio suíço e explodem na consciência do leitor com impacto e força devastadores.”

Kirkus Reviews

“Contos audaciosos, desafiadores e comoventes. As narrativas se assemelham ao trabalho de um Philip K. Dick menos metafísico ou de um Borges com mais caracterização e elementos de ciência de ponta.”

Publishers Weekly

“A melhor ficção científica inspira assombro pelas propriedades naturais do universo, torna os fundamentos da ciência pungentes e ternos. A escrita de Chiang traz todos esses elementos.”

The Economist

“Ligados por uma inteligência humana que dialoga diretamente com o leitor, os contos logo nos fazem vivenciar a calma e a paixão de Chiang.”

The Guardian

“*História da sua vida e outros contos* confirma que misturar ciência e artes pode produzir obras tocantes.”

The Seattle Times

“Ted Chiang devolve a ciência à ficção científica de modo brilhante.”

Booklist

ISBN 978-85-510-0078-6



9 788551 000786

www.intrinseca.com.br